

*Sisterhood is powerful**: exílio e mobilizações feministas na França em apoio às “Três Marias”

Maira Abreu**
Adília Martins de Carvalho***

Resumo:

O exílio na Europa é descrito como um momento de descoberta do feminismo para muitas mulheres. Neste artigo, partimos da mobilização de apoio às “Três Marias” (Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho de Costa – autoras de *Novas Cartas Portuguesas*), para examinar como o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris (1972-1974) se organizava e como se forjavam alianças. Essa mobilização permitiu criar laços de solidariedade entre portuguesas e latino-americanas na França que foram fundamentais para a estruturação de um movimento de apoio internacional. A luta feminista misturava-se com a luta contra os regimes ditatoriais.

Palavras-chave: *Novas Cartas Portuguesas*; feminismo; Portugal; ditaduras.

Sisterhood is powerful: exile and feminist mobilizations in France in support of the “Three Mary’s”

* A expressão “sisterhood is powerful” pode ser traduzida para o português como “sororidade é poder”. No contexto francês a expressão foi utilizada muitas vezes sem tradução e por isso a mantivemos em inglês.

** Doutoranda em Ciências Sociais pela Unicamp, Campinas-SP, Brasil; em co-tutela com a Universidade Paris 8, Paris, França. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). A contribuição de Maira Abreu ao artigo é fruto de sua pesquisa de mestrado: *Feminismo no exílio: o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris e o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris*, cuja versão modificada será publicada pela editora Alameda. End. eletrônico: mairabreu@yahoo.com

*** Pós-Doutoranda associada ao ILCML da Universidade do Porto, Portugal, e ao CREPAL da Universidade Sorbonne Nouvelle, Paris, França. Como bolsista de Pós-Doutorado, este trabalho é financiado pelo Ministério da Educação e Ciência Português (SFRH/BPD/76950/2011). A contribuição de Adília Martins de Carvalho ao presente artigo é fruto da pesquisa realizada com a equipe francesa, coordenada por Catherine Dumas, do projeto internacional “*Novas Cartas Portuguesas 40 Anos Depois*”, por sua vez coordenado por Ana Luísa Amaral. Para uma abordagem aprofundada da recepção de *Novas Cartas Portuguesas*, na França e no Mundo, remete-se à publicação do resultado do projeto, no prelo. End. eletrônico: adiliacarvalho67@gmail.com

Abstract:

Exile in Europe is described by many women as the moment when they discovered feminism. In this article, we take as a point of departure the mobilization in support of the “Three Mary’s” (Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho de Costa – authors of *New Portuguese Letters*) to examine how the Group of Latin American Women in Paris (1972-1974) organized itself and how it forged alliances. The mobilization allowed the creation of ties of solidarity between Portuguese and Latin American women in France, which were fundamental for the construction of an international support movement. The feminist struggle blended with the struggle against dictatorial regimes.

Keywords: New Portuguese Letters; feminism; Portugal; dictatorships.

Reconnaissons-nous, les femmes,
Parlons-nous, regardons-nous,
Ensemble on nous opprime, les femmes,
Ensemble révoltons-nous.

Le temps de la colère, les femmes,
Notre temps est arrivé,
Connaissons notre force, les femmes,
Découvrons-nous des milliers.
(Hino do *Mouvement de Libération des Femmes*)

Nos anos 1960 e 1970 a França recebeu milhares de exilados de diferentes países da América Latina, período que coincide com o surgimento das mobilizações feministas da chamada “segunda onda” no país. Sob influência desse movimento formaram-se diferentes coletivos de mulheres latino-americanas. O Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris (1972-1976) foi um dos primeiros composto por mulheres estrangeiras a surgir nesse contexto. No presente artigo examinaremos uma das ações deste grupo: o apoio às chamadas “Três Marias” (Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho de Costa), três escritoras portuguesas perseguidas pelo regime ditatorial do seu país por terem escrito *Novas Cartas Portuguesas*. Estas ações nos fornecem elementos para compreender como as feministas latino-americanas na França se organizavam, como forjaram suas identidades, alianças e solidariedades. O movimento de solidariedade partiu da ligação entre mulheres que compartilhavam não somente uma língua, mas em grande medida, uma experiência de vivência sob um regime ditatorial. Considerada na época como a primeira grande causa feminista (da “segunda onda”), foi um importante momento de diálogo e luta internacional feminista e foi determinante para os destinos da obra em Portugal e no estrangeiro.

A obra *Novas Cartas Portuguesas*¹, escrita a seis mãos por Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, publicada em Portugal no mês

¹ A primeira publicação da obra data de 1972 e tem a chancela da editora lisboeta Estúdios Cor, no entanto utiliza-se como referência neste artigo a edição anotada de 2010.

de abril de 1972 e quase imediatamente apreendida pela PIDE², é no contexto político e ideológico português dessa época uma obra altamente provocatória. E o teor provocatório reside em sublinhar os sintomas de podridão de um regime ditatorial, em agonia, que vão desencadear, em 1974, a Revolução dos Cravos e pôr fim a 48 anos de salazarismo.

Novas Cartas Portuguesas é um projeto coletivo de escrita, inspirado na figura de Mariana de Alcoforado, e na obra que lhe é associada *Lettres Portugaises*³. *Novas Cartas Portuguesas* revela as falhas e as desregulações de um sistema moral, social e político que se pretende funcional graças a um aparelho ideológico implacável e obstinado. É através da denúncia da violência instaurada pelo regime, sob os seus diversos aspectos, tanto na guerra colonial, no sistema judicial (PIDE/DGS), nas cenas de violência conjugal e familiar, como na violação da liberdade individual, particularmente a das mulheres, que as três autoras abanam as consciências políticas.

As “Três Marias”, designação pela qual as autoras ficaram conhecidas, em virtude do processo judicial a que foram submetidas, haviam decidido emprender uma obra coletiva de caráter inédito, na medida em que nenhuma assinou os respectivos textos, mas todas os assumiram em conjunto. As escritoras são acusadas, juntamente com o editor, de escreverem e publicarem um livro de conteúdo pornográfico e atentatório à moral pública. Estas acusações, de que são vítimas, revelam, na realidade, um ato punitivo pela ousadia que tiveram em trazer para a cena literária a opressão exercida sobre o corpo e a existência social das mulheres. Segundo Duarte Vidal, advogado de uma das autoras, “Tal acusação por pornografia e ofensas à moral pública não foi mais do que um pretexto que escondia as verdadeiras causas da perseguição criminal promovida, que eram, essencialmente, de natureza política.” (Vidal, 1974: 12)⁴.

Novas Cartas Portuguesas denuncia magistralmente a profunda violência dissimulada e proteiforme do Estado ditatorial português, mantida por um aparelho ideológico implacável, que é identificável não só na guerra colonial – talvez a

² A polícia política, PIDE: Polícia Internacional e de Defesa do Estado, é assim denominada durante o Estado Novo, sob a governação de Oliveira Salazar, passando a denominar-se DGS: Direcção Geral de Segurança, durante a governação do seu sucessor Marcelo Caetano.

³ Romance epistolar composto por cinco cartas de amor dirigidas a um oficial francês por Mariana Alcoforado. A primeira edição desta obra tem por título, *Lettres Portugaises Traduites en François*, tendo sido publicada em 1669, em Paris, por Claude Brbin.

⁴ Após a apreensão do livro pela PIDE em Maio de 1972, foi iniciado um processo de julgamento que se prolongou até 7 de Maio de 1974, doze dias após a Revolução do 25 de Abril. A imprensa, antes impedida pela censura de noticiar o caso, pôde então a 8 de Maio, publicar o artigo: “Absolvição para as ‘Novas Cartas Portuguesas’: o juiz mandou em paz três Marias de cravo ao peito” (*Diário de Lisboa*, 08/05/1974: 17).

sua forma mais dramática –, mas também na tortura dos prisioneiros políticos, derivada da ação da PIDE/DGS, como se pode ler no texto “O Cárcere”, onde a violência da polícia política contra o prisioneiro e a do marido contra a mulher se confundem (Barreno; Horta; Costa, 2010: 169-171). Mas a violência mais dissimulada do regime e da ideologia que o sustenta, é talvez aquela que é cometida contra as mulheres, sendo contra essa situação de vulnerabilidade social, econômica e cultural a elas reservada, que *Novas Cartas Portuguesas* se revela como manifesto. É o sistema patriarcal e sufocante que a obra *Novas Cartas Portuguesas* critica profundamente, não deixando de ser sublinhada a violência doméstica e sexual. São vários os textos que dão a ler cruamente os diversos crimes cometidos contra as mulheres.

Novas Cartas Portuguesas contribui ainda para a desconstrução das noções essencialistas de gênero, feminino e masculino, veiculadas pela cultura do regime e legível na “Redação de uma rapariga de nome Maria Adélia nascida no Carvalhal e educada num asilo religioso em Beja”, intitulada “As tarefas”, onde são descritas as “supostas” tarefas de homens e de mulheres (Barreno; Horta; Costa, 2010: 225).

A obra incomoda porque toca nas feridas dessa “ordem” desordenada e hipócrita que o poder insiste em manter, para continuar a subsistir como sistema político econômico e social.

Apesar de as autoras não serem movidas pela intenção de escrever um livro feminista, à medida que grupos de mulheres nele se reconheceram e encontraram significado, considerando que este poderia servir às suas lutas, no livro foi assim lido um conteúdo feminista. “E foi este conteúdo e a repressão sobre as três escritoras que motivaram a criação de um importante movimento de solidariedade feminista (Tavares, 2011: 179)”. Esse movimento, que resultou da articulação de diferentes grupos em prol de uma mobilização internacional de apoio às três escritoras, foi considerado na época a primeira grande causa feminista do que viria a ser conhecida como a “segunda onda” do feminismo.

Novas Cartas Portuguesas ao encontro do movimento feminista

“Chega.

É tempo de se gritar: chega. E formarmos um bloco com os nossos corpos”

(Barreno; Horta. Costa, 2010: 250)

Dos três livros e respectivas cartas que, segundo Maria Teresa Horta e Maria Isabel Barreno, foram enviados a Simone de Beauvoir, Marguerite Duras e Christiane Rochefort (Coutinho; Fernandes; Pinto, 2003: 67), até hoje só se

conhece o destino de um, o que chegou a casa de Rochefort, em Março de 1973, de acordo com a informação da nota para edição francesa de Monique Wittig e Evelyne Le Garrec de *Nouvelles Lettres Portugaises*.

Em entrevista à revista *Pretextos*, Maria Isabel Barreno leva-nos a pensar, que teria sido, Cármen Sanchez, quem primeiro teve acesso ao livro, na França.

No momento em que a nossa carta chegou, a Christiane Rochefort estava em viagem, pelo que foi uma vizinha peruana chamada Cármen, encarregue de regar as plantas e dar comida aos gatos, que viu a carta com o livro e o abriu. Como ela era de língua espanhola, entendeu o suficiente para achar aquilo muito interessante. Escreveu à Christiane e, já com autorização dela, abriu a carta anexo ao livro. Esta Cármen estava ligada ao MLF (Mouvement de Libération des Femmes) francês que, por sua vez tinha anexo um grupo de mulheres latino-americanas, a quem leu o texto (Coutinho; Fernandes; Pinto, 2003: 67).

Esse contato com o feminismo e com o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris mudaria os rumos do livro na França, onde cresciam as movimentações feministas. Em 1973 o movimento feminista francês, três anos após seu nascimento⁵, vivia um momento de grande efervescência.

O *Mouvement de Libération des Femmes* (MLF) não constituía uma organização com estatuto, sede ou normas de funcionamento. Influenciado pelo “espírito” anti-autoritário e anti-burocrático de 1968, o MLF fazia eco à demanda de uma nova forma de organização política, horizontalizada, sem lideranças, sem separação entre público e privado e com uma nova linguagem. Os grupos se formavam de forma independente, por afinidades políticas e pessoais, para discutir um problema particular ou simplesmente para a preparação de uma ação, de uma manifestação, como bem sintetiza Françoise Picq:

Reuníamos-nos para refletir juntas sobre a origem do patriarcado, o trabalho doméstico, o aborto, o estupro, a homossexualidade, o desejo, o prazer, o ciúme, a violência... Reuníamos-nos por bairro. Reuníamos-nos por afinidades. Para fazer música, costura, pintura ou cuidar das crianças. Reuníamos-nos para falar de nós, da nossa experiência, dos nossos problemas, como se o grupo de mulheres possuísse a solução que cada uma não conseguia encontrar sozinha. (Picq, 2011 : 157)

Essas agremiações poderiam durar anos, uma estação, alguns meses ou mesmo o “tempo de uma rosa”, como nos mostra Picq. Havia espaços de con-

⁵ O ano de 1970 é considerado como o ano fundador do Mouvement de Libération des femmes na França. Trata-se de um ano repleto de momentos “fundadores”. Para maiores informações ver, dentre outros, Delphy (1980); Picq (2011).

fluência de grupos e indivíduos como as famosas assembleias no *Beaux-Arts*, ou eventos como as *Journées de dénonciation de crimes contre les femmes* (1972), as grandes manifestações pela legalização do aborto, etc. Mas, o movimento é muito mais diverso e multifacetado que esses grandes eventos.

É dentro desse “espírito” que deve ser compreendido o nascimento do Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris, que surge em 1972, a partir da iniciativa de algumas mulheres que, sensibilizadas pelo feminismo, decidem se reunir. Composto por mulheres de diferentes países da América Latina, o grupo promoveu grupos de reflexão (ou de autoconsciência), debates, projeções de filmes e, entre janeiro de 1974 e o segundo trimestre de 1976, publicou o boletim bilíngue (português e espanhol) *Nosotras*.

Num primeiro momento o grupo se reunia num café no *Quartier Latin* em Paris. Entre as mulheres presentes nessas primeiras reuniões⁶, encontravam-se, segundo a memória de algumas das entrevistadas Mariza Figueiredo, Danda Prado, Clélia Piza, Cármen Sanchez, Lucia Tosi, Albertina Costa, Vera Tude e Míreya Gutierrez. São mulheres de diferentes nacionalidades, exiladas ou não.

Sobre a criação do grupo, Danda Prado rememora em entrevista o impacto dos primeiros contatos com o feminismo e a vontade de discutir com brasileiras sobre o tema. Mas ela menciona também a percepção das diferenças entre homens e mulheres na comunidade exilada brasileira, diferenças agudizadas pela precariedade das condições de exílio e tornadas ainda mais visíveis pelo contato com o ambiente político-cultural do feminismo francês. Danda Prado relata a sua insatisfação diante da situação de uma parte das mulheres da comunidade exilada, que, em condições muitas vezes adversas e precárias e em trabalhos considerados subalternos, como faxina, provia o dinheiro para a sobrevivência, enquanto os homens ficavam em casa, discutindo a revolução e esperando o retorno ao Brasil.

No primeiro boletim do grupo elas relembram algumas dúvidas e questionamentos iniciais:

Todo se pasó como si fuéramos una pelota de nieve: dos o tres latinoamericanas escribiendo sus tesis de doctorado sobre la mujer. Deparamos por la primera vez con las preguntas “porque piensan esto las feministas francesas? que lo que quiere decir el feminismo? El feminismo es un movimiento que tendría sentido solamente en un país industrializado? Que hay de común o de distinto entre la mujer mexicana, venezolana, argentina, brasileña, francesa?”⁷

⁶ Deve-se ressaltar que não temos muitas informações sobre esse período inicial do grupo. O boletim *Nosotras* começaria a ser publicado somente em janeiro de 1974. Sobre o período anterior, tivemos acesso a alguns panfletos, menções na imprensa feminista francesa e depoimentos.

⁷ “Editorial”. *Nosotras*, n.1, janeiro de 1974.

Dúvidas sobre o que seria o feminismo, sobre a validade de suas propostas, particularmente em países subdesenvolvidos, além de questionamentos sobre a possibilidade de se articular uma luta a partir de um “algo comum”, foram questões partilhadas por muitas mulheres que tomaram contato com o feminismo neste contexto. Como se organizar, como pensar a especificidade da condição da mulher latino-americana foram outras questões que se impuseram naquele contexto.

Apesar do reconhecimento do papel do MLF, a relação do grupo com este não se configurou como uma assimilação acrítica e descontextualizada. Ao contrário, o tema da ‘especificidade’ se impôs desde o princípio. Assim, o ‘nosotras’ do qual falava o grupo era um ‘nós mulheres’, mas tratava-se principalmente de um ‘nós mulheres latino-americanas’. A noção de “problemas específicos” das mulheres latino-americanas aparece em diversos momentos no boletim. Como lembra Naty Guadilla (1980: 11), o grupo surgiu justamente com o intuito de analisar essa especificidade.

Encontramos no boletim diversas tentativas de entender a situação das mulheres latino-americanas e suas particularidades em relação à realidade de outras mulheres. A elaboração de uma teoria feminista latino-americana, enfatizada no boletim, deveria ser “uma tarefa dos grupos feministas no nosso continente”⁸, pois, “assim como cabe à mulher, e não ao homem, a determinação de seu próprio combate, cabe às mulheres de cada país a determinação do caráter específico/geral de sua luta”⁹. Havia também uma grande sensibilidade pelas particularidades da opressão vividas por mulheres de diferentes regiões do planeta. No boletim, podemos acompanhar como elas procuravam divulgar e entender ações e problemas que aconteciam em diferentes países. Entretanto, essa percepção não era contraditória com a ideia de que haveria uma opressão comum compartilhada por todas as mulheres. Para além das diferenças de classe, regionais, as mulheres partilhariam uma opressão universal e a recusa desse pressuposto é considerada como uma forma de anti-feminismo¹⁰.

A ideia de “irmãs” de “sororidade”, de “sisterhood” era amplamente utilizada no movimento feminista como metáfora e denota a percepção não somente do sentimento de se compartilhar uma experiência comum, mas também da possibilidade de convertê-la em solidariedade concreta: “ÀS IRMÃS DE PORTUGAL, DO MUNDO MUÇULMANO, DA AUSTRÁLIA, DA INDOCHINA

⁸ Danda e Mariza. “Feminismo”. *Nosotras*, n. 5, maio de 1974.

⁹ Vera. “Novos Lançamentos: *Feminisme et revolution ...*”. *Nosotras*, n. 2, fevereiro de 1974.

¹⁰ Danda e Mariza. “Feminismo”. *Nosotras*, n.5, maio de 1974.

E DE ISRAEL, ÀS IRMÃS EUROPÉIAS E NORTE-AMERICANAS, nossa solidariedade internacional¹¹.

Muitas dessas mulheres estavam marcadas pela vivência da ditadura em seus respectivos países e, portanto, sensíveis à luta contra qualquer forma de repressão. No primeiro boletim do grupo encontramos como pontos básicos de qualquer movimento feminista “a união internacional entre os movimentos feministas para a denúncia contra a repressão a qualquer grupo de mulheres”. Além disso, o fato de serem latino-americanas expatriadas também criava um espaço favorável a ideias internacionalistas.

É a esse grupo que, segundo o referido testemunho de Maria Isabel Barreno, chega *Novas Cartas Portuguesas* via Cármen Sanchez. Através de circuitos que desconhecemos, a informação sobre a perseguição circula pelo movimento feminista e ações de solidariedade começam a se estruturar¹².

Em maio de 1973, o jornal *Politique Hebdo* publica o texto “Maria à ses soeurs”, assinado por Evelyne le Garrec e fragmentos do livro traduzidos pela primeira vez para o francês por Gilda Grillo. Le Garrec apresenta a trajetória do livro e o esforço das feministas, sobretudo na França e nos EUA, em suscitar um movimento internacional de solidariedade. Gilda Grillo, nesse texto, é apresentada como “uma camarada brasileira que vive atualmente em Paris e que tem em comum com as acusadas muito mais que a língua” (Le Garrec, 1973), numa referência clara ao contexto ditatorial brasileiro e português.

O risco de prisão, a censura e a repressão não eram absolutamente questões estranhas a muitas dessas mulheres latino-americanas que participaram da mobilização. Muitas conheciam de perto essa realidade e encontravam-se fora de seus países justamente devido a perseguições do mesmo tipo. A essa “identidade” se somava uma outra, recentemente afirmada: a de um “nós” mulheres que se unia para lutar contra sua própria opressão.

O livro, para além da sua singularidade, torna-se um símbolo. Para Evelyne le Garrec e Monique Wittig “a repressão direta exercida sobre as Três Marias é um símbolo evidente daquela a que estamos submetidas todos os dias”, “Não é simplesmente um livro escrito por mulheres portuguesas e sobre mulheres portuguesas. O seu significado é internacional” (Le Garrec, Wittig, 1974: 10). Em diversos panfletos que divulgam o caso, essa ideia está presente. “Nesse processo, somos nós, as mulheres, que seremos julgadas”. A luta contra a perseguição às

¹¹ “Solidariedade às portuguesas”. *Nosotras*, n.13-14, janeiro/fevereiro de 1975.

¹² Deve-se ressaltar que, devido às características já mencionadas desse movimento, muitas de suas ações não deixaram registros escritos, o que dificulta a tarefa de reconstruir sua história.

“Três Marias” se transforma numa luta coletiva e, sob o olhar de muitas feministas, a primeira ação feminista internacional: “Pela primeira vez mulheres manifestam o seu apoio a outras mulheres a nível internacional”¹³ afirma um dos panfletos.

A retórica da novidade, da “primeira vez”, faz parte do discurso militante de diferentes grupos e movimentos (por desconhecimento histórico ou pela necessidade de se afirmarem)¹⁴. Mas, podemos encontrar a ideia que seria a primeira causa feminista internacional na imprensa de grande público. “The first international feminist cause celebre?” sugeria o jornal *Voice* (Bikmans, 1973). Para o jornal *Express*, esse evento “constituiu imediatamente uma “causa comum ‘natural’” para as feministas:

Maria! Maria! Maria! As três portuguesas ameaçadas de prisão por terem escrito “Novas Cartas Portuguesas” servirão de catalisador à primeira Internacional feminista? Não é impossível, dado que esse novo “caso Soljenitsyne” nascido nas margens do Tejo, permitiram lançar o grito de revolta : “Mulheres de todos os países, uni-vos!” (Jossin, 1973).

O momento era realmente o mais propício para esse tipo de ação. Se tivesse acontecido cinco anos antes, esse evento não poderia ter contado com o apoio de um movimento que ganhou forma sobretudo a partir do final dos anos 1960. O Grupo Latino-Americano teve um papel fundamental nas mobilizações de apoio às três escritoras. Mas, as ações seriam realizadas em conjunto com outros grupos, particularmente com um grupo anglófono em Paris e com setores do MLF. O primeiro grupo foi formado em 1972 e, inicialmente, constituía uma seção do grupo estadunidense NOW (National Organization for Women). Publicou, a partir do início de 1973 o boletim *Now or Never*. Paris chapter Newsletter, N.O.W International. A partir de setembro de 1973 ganhou o nome de POW (Paris Organization of Women), que passou a ser também o nome do seu boletim. Gilda Grillo e Danda Prado participaram das reuniões do grupo. Havia, portanto, circulação e contatos entre os grupos, o que favorecia a circulação de informações e a articulação de ações.

Um momento importante para a organização desse movimento de solidariedade foi uma Conferência internacional feminista realizada em Boston (International Feminist Planning Conference), em junho de 1973¹⁵, que consistia em

¹³ “Il était une fois trois femmes”. Panfleto assinado por “Des femmes françaises et latino-américaines”. Juin 1973.

¹⁴ Ver, por exemplo, Picq (2011).

¹⁵ International Feminist Planning Conference. June 1-4, 1973 at Lesley College and Harvard Divinity School Cambridge, Massachusetts (Anais do evento).

“construir um movimento feminista internacional e organizar uma grande Conferência Internacional Feminista”, prevista para 1975. Um dos temas discutidos foi Novas Cartas Portuguesas. No relatório do evento consta a participação de Mariza Figueiredo, Danda Prado e Gilda Grillo. A primeira é identificada como pertencente ao “MLF-Paris” e as duas últimas ao “NOW-Paris”.

Sobre essa ação e a aliança entre mulheres de diferentes países para a realização de um movimento internacional, o boletim *Nosotras* posteriormente comentaria:

Os grupos feministas francês, de língua inglesa e latinoamericano de Paris, ao tomarem conhecimento de mais esta discriminação sexista, denunciaram o caso durante a Primeira Conferência Feminista realizada em Boston, em junho de 1973. Declarava-se a seguir um movimento internacional de apoio, para a primeira audiência.¹⁶

Essa união entre mulheres latino-americanas, anglófonas e francesas aparece em diferentes textos do período referente à mobilização¹⁷. No boletim do grupo anglófono podemos encontrar alusões a essa aliança. Em junho de 1973 *Now or Never* menciona que membros do NOW Paris estariam trabalhando com o Grupo Latino-Americano de Mulheres e o MLF para tornar pública a perseguição que sofriam as escritoras¹⁸. A partir do segundo semestre de 1973, o Grupo Latino-Americano, o grupo anglófono e grupos do MLF se reuniam num mesmo local, na Cité Trevisse¹⁹. No boletim *Now or Never*, num texto que descreve a criação desse novo local, o grupo anglófono descreve com entusiasmo o contato com outros grupos:

the most exciting aspect so far has been the contact with the other groups – Latino American and French. A reason for co-operation on a large project came just at the right time, in the form of the “Three Marias” campaign, and already, by being brought together in the same committee meetings, the members of the different groups are beginning to know each other personally, and to listen to each other’s point of view. A feminist internationalism is being born!²⁰

¹⁶ *La nuit des femmes. Nosotras*, n.1, janeiro 1974.

¹⁷ Um dos panfletos “Il était une fois trois femmes” foi assinado por “Des femmes françaises et latino-américaines” e um outro, sem título, por “Des femmes françaises, américaines, latino-américaines”. Biblioteca Marguerite Durand. Dossier “Portugal”.

¹⁸ *NOW or Never. Paris Chapter Newsletter. NOW International*. Vol. 1 n.5, junho 1973.

¹⁹ Posteriormente, ambos os grupos se reuniriam num outro local, o GLIFE (Centre de Liason/Information Femmes/Enfants).

²⁰ *NEW FEMINIST CENTRE LAUCHED! NOW or Never. Paris Chapter Newsletter. NOW International*. vol. 2 n.1, outubro de 1973.

No boletim *Now or Never e POW* (a partir de novembro de 1973) podemos encontrar diversas referências ao caso. Deve-se lembrar que em 1973 a imprensa feminista era pouco desenvolvida e só conheceria uma ascensão a partir de 1974.

Logo após a conferência em Boston, foram organizadas diversas ações de apoio. Em nome da *International Feminist Planning Conference* foi enviada uma carta ao presidente da Comissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas, Radha Krishna Ramphul²¹, solicitando a intervenção no caso. Esta carta, com data de 7 de julho de 1973, foi assinada por quatro feministas, entre as quais Gilda Grillo²².

Encontramos também um panfleto²³ que divulga a realização de uma festa de apoio às “Três Marias”, em Nova York, no dia 27 de junho. Esse texto, que contém os nomes de algumas feministas conhecidas como Kate Millet, Ti-Grace Atkinson e Gloria Steinem, menciona a organização de um protesto feminista internacional, “o primeiro da história”, para pressionar o governo português.

Em Paris, foram três as ações principais. Uma primeira ocorreu no dia 3 de julho e constituiu na entrega de um abaixo-assinado de apoio às autoras na Embaixada de Portugal. Em *Nosotras* há menção a ações, no dia 3 de julho em 17 países diante de embaixadas, consulados e organismos portugueses, exigindo “a liberdade para as três escritoras e seu livro feminista”.²⁴

Uma segunda ação foi a “Nuit de Femmes”, um espetáculo realizado na sala Gémier no Palácio de Chaillot no dia 21 de outubro de 1973, que consistiu na leitura de trechos do livro por Delphine Seyrig, Isabelle Ehni e a atriz brasileira Ruth Escobar, para um público inteiramente feminino (Lapouge, Pisa, 1977: 271-272).

Um terceiro momento foi uma “procissão”/manifestação em frente à Catedral de Notre Dame, a 30 de janeiro de 1974. O boletim POW menciona a presença de 300 mulheres nesta procissão noturna em Paris. Segundo a mesma publicação, foram realizadas atividades no mês de janeiro em outros países, nomeadamente em Londres e Nova York²⁵.

No primeiro boletim do Grupo Latino-Americano de janeiro de 1974, pensa-se a continuidade da luta:

²¹ Uma cópia da carta encontra-se no dossier “Portugal” na Biblioteca Marguerite Durand. Paris. França.

²² Gilda Grillo teve, ao que tudo indica, um papel fundamental nesses eventos. A primeira publicação de trechos do livro em francês resulta de uma tradução sua e o seu nome aparece em diferentes documentos ligados ao caso.

²³ Sem título. S.d. Dossier “Portugal”. Biblioteca Marguerite Durand. Paris. França

²⁴ “La nuit des femmes”, *Nosotras*, n.1, janeiro de 1974.

²⁵ POW. Vol. 2, n.5, février 1974.

As manifestações internacionais pelas 3 escritoras e pela causa feminista não terminarão enquanto elas não forem consideradas livres. Esta foi a primeira ação internacional que se seguirá por uma série de denúncias e manifestações preparadas para o Primeiro Congresso Feminista Internacional em Estocolmo, em setembro deste ano. Através da criação de um Tribunal Interacional de Crimes cometidos contra as mulheres, serão denunciados todos os critérios de discriminação sexista permanente em relação às mulheres.²⁶

Foi certamente uma intensa mobilização que culminou nessas ações. Para visualizar a atividade militante necessária para a construção da campanha, é interessante mencionar que encontramos num dos boletins POW um calendário das atividades regulares do grupo e constam reuniões intituladas “3 Marias Protest group”, que seriam realizadas duas vezes por semana.

Especificamente em relação ao Grupo Latino-Americano, temos como hipótese que as ações de apoio às “Três Marias” contribuíram para o fortalecimento do grupo e foi um agente propulsor para o início da publicação do boletim *Nosotras* que começa a ser publicado em janeiro de 1974.

O livro seria finalmente publicado em francês em setembro de 1974 pela editora Seuil. A tradução foi realizada por Vera Alves da Nóbrega, Monique Wittig e Evelyne le Garrec, com prefácio das duas últimas, que apresentam o livro da seguinte forma:

Este livro é um símbolo. Pela sua história. Pela forma como nós tivemos a oportunidade, nós e outras mulheres, de o abordar. Pelo movimento internacional feminista que ele suscitou. E, sobretudo, pelo próprio fato de existir hoje, aqui. (Le Garrec; Wittig, 1974: 7).

Encontramos referências a essa obra em diferentes textos feministas (e não-feministas) da época. O livro foi resenhado por diferentes periódicos e a sua saga contada por jornais e revistas de grande circulação. Uma importante publicação feminista da época, um número especial da revista *Les temps modernes* intitulado “Les femmes s’ententent” começa com um trecho das *Novas Cartas Portuguesas*. Françoise d’Eaubonne, em 1974, considera o livro uma “explosão” surpreendente num “país fascista”: “três mulheres escritoras vêm erigir em seu favor uma multidão de estrangeiras que, até então, estavam bem acomodadas à ditadura fantoche lusitana.” (Eaubonne, 1974: 183). A mobilização em prol das “Três Marias” seria lembrada pelo movimento feminista como um exemplo de

²⁶ “La nuit des femmes”. *Nosotras*, n. 1 janeiro 1974.

mobilização internacional de grande êxito. Recentemente numa obra coletiva para comemorar os 40 anos do MLF, um panfleto de divulgação da *Nuit des Femmes* foi reproduzido como exemplo de ações de solidariedade feminista (Collectif, 2009).

Cabe mencionar que, passado o caso, os contatos perdurariam. Na aurora da revolução dos cravos um movimento de mulheres se estruturaria. Maria Isabel Barreno, numa carta endereçada ao Grupo Latino-Americano, compartilha as dificuldades e projetos de um dos grupos que surgiu nesse contexto:

Tenho estado louca com o que há para fazer no grupo feminista nascente. Tenho recebido o jornal e gostado muito. Tem circulado no n/ grupo. Pensamos também fazer 1 jornal. Para começar, só 1 ou 2 páginas. Fui ao México conhecer as feministas que iam à televisão. Foi bom, tanto mais que penso que o contato internacional é e será, cada vez mais fundamental.²⁷

O boletim em questão data de agosto-outubro de 1974. Alguns meses depois, a capa do número 13/14, de janeiro/fevereiro de 1975, tem como tema a repressão ao movimento em Portugal: “1975. Año Internacional de la Mujer. Boicoteado en Portugal”. Nesse número é reproduzido o panfleto que divulga o Movimento de Libertação das Mulheres (de Portugal) e textos sobre a reação violenta à emergência desse movimento, entre os quais uma carta de Maria Teresa Horta²⁸.

O boletim *Nosotras* pretendia ser um “agente motivador de lutas reivindicatórias”²⁹ e uma “tribuna de um movimento essencialmente latino-americano”. Ele permitiu a divulgação e trocas entre diferentes grupos que surgiram nessa região mas seus contatos não se restringiram à mesma. No caso em questão, essa mobilização permitiu criar laços de solidariedade entre portuguesas e latino-americanas na França, que foram fundamentais para a estruturação de um movimento de apoio internacional.

Trata-se de uma mobilização que nos permite visualizar como, na prática, os grupos feministas se organizavam, desenvolviam alianças e ações. Antes do início de uma “institucionalização” do movimento e das grandes conferências organizadas pela ONU, o movimento feminista autônomo, se comunicava, com todas as dificuldades, a nível internacional e articulava lutas. Através de panfletos, cartas e publicações podemos retratar alguns dos caminhos dessas atividades e

²⁷ CORREO. *Nosotras*, n. 8/9/10, agosto/setembro/outubro de 1974.

²⁸ “Mulheres para a fogueira. Queimem-nas, queimem-nas”. Extraído da carta de Maria Teresa Horta a *Nosotras*, n. 13/14, de jan./fev. de 1975.

²⁹ “Editorial”. *Nosotras*, n. 16/17/18, abril/maio/junho de 1975.

verificar como, no seio dessa prática militante, para além dos textos feministas de referência, foram forjadas noções como “sisterhood”, solidariedade e alianças que resultaram em eficazes instrumentos de luta, inclusive contra os regimes ditatoriais.

Bibliografia

BARRENO, Maria Isabel; Maria Teresa Horta; Maria Velho da Costa (2010). *Novas Cartas Portuguesas*. Edição anotada. Org. Ana Luísa Amaral. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

CARDOSO, Elisabeth (2004). *Imprensa feminista brasileira pós-64*. Dissertação (mestrado) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

COUTINHO, Cláudia; FERNANDES, Ana Raquel; PINTO, Sara Ramos (2003). Conversa com Maria Isabel Barreno. *Pretextos*, n. 3, Lisboa.

COLLECTIF (2009). *MLF. Textes premiers*. Paris: Stock.

DELPHY, Christine (1980). Nouvelles du M.L.F.: libération des femmes an dix. *Questions féministes*, vol.7, Paris.

EAUBONNE, Françoise (1974). *Le Féminisme ou la Mort*. Paris: Éd. P. Horay.

LAPOUGE, Maryvonne ; PISA, Clélia (1997). *Brasileiras*. Paris: Des femmes.

LE GARREC, Evelyne ; WITTIG, Monique (1974). Note pour l'éditions française. In: BARRENO, Maria Isabel; HORTA, Maria Teresa; COSTA, Maria Velho da. *Nouvelles lettres portugaises*. Paris: Seuil.

PICQ, Françoise (2011). *Libération des femmes, quarante ans de mouvement*. Brest: Éditions-dialogues.

TAVARES, Manuela (2011). *Feminismos: percursos e desafios (1947-2007)*. Lisboa: Texto.

VIDAL, Duarte (1974). *O processo das Três Marias: defesa de Maria Isabel Barreno*. Lisboa: Editorial Futura

Artigos de jornais, panfletos e fundos de arquivo

BIKMANS, Minda. “The first international feminist cause celebre? The three faces of Maria”. *Voice*, 28 de Junho de 1973.

GUADILLA, Naty. (1980). “Historiando”. *Herejías*.

JOSSIN, Janick. “Portugal: le combat des trois Maria”. *Express*, 9-15 julho de 1973.

LE GARREC, Evelyne. “Maria à ses soeurs”. *Politique Hebdo*, 24 de maio de 1973.
“Absolvição para as *Novas Cartas Portuguesas*: o juiz mandou em paz três Marias de cravo ao peito”. *Diário de Lisboa*, 8 de maio de 1974: 17.

International Feminist Planning Conference. June 1-4, 1973 at Lesley College and Harvard Divinity School Cambridge, Massachusetts (Anais do evento).

Nosotras (n.1, janeiro de 1974 – n.25/26 primeiro e segundo trimestres de 1976).

Now or Never. Paris Chapter Newsletter, NOW International. (vol. 1, n.2, março de 1973 – vol. 2 n.1, outubro de 1973)

POW - Paris Organization of Women, vol. 2, n.2, novembro de 1973 – vol. 3, n. 6, junho de 1975.

DOSSIER “PORTUGAL”. *Biblioteca Marguerite Durand*. Paris, França.